

# A UTOPIA NACIONALISTA DE HÉLIO JAGUARIBE

Os tempos do Iseb

INÊS CRISTINA DOS SANTOS<sup>1</sup>

---

**A**ngélica Lovatto<sup>2</sup>, através de seu livro, nos faz refletir sobre a importância de conhecermos mais o pensador brasileiro Hélio Jaguaribe. Fruto de pesquisa, a autora desenvolve uma crítica ao pensamento conservador do cientista político carioca, analisando principalmente a produção teórica dos anos em que atuou no Iseb – Instituto Superior de Estudos Brasileiros (1955-64).

Isto por si só já seria motivo suficiente para fazermos uma leitura atenta do livro, em função da importância do pensamento isebiano para o estudo da realidade brasileira. Mas a pesquisa apresenta também outros aspectos interessantes, dando um panorama do que foi o referido órgão, através de outros nomes que fundaram o instituto com Jaguaribe. Além disso, para nos ajudar a compreender as idéias jaguaribeanas, a autora também apresenta um panorama histórico dos anos 1950 no Brasil. Desta forma é possível entender a preocupação do intelectual carioca com os problemas brasileiros, e a proposta nacionalista que ele defende naquele período, no sentido de superar o “atraso” do país.

O livro de Lovatto está dividido em cinco capítulos: o primeiro introduz a trajetória de Jaguaribe dando o recorte da pesquisa, que vai desde os textos de 1951, englobando sua inserção no Iseb, em 1955, passando por textos produzidos após o golpe de 1964 até o limite de 1974. Para falar dos tempos do Iseb, a autora faz uma análise da trajetória de Jaguaribe desde os tempos do Grupo de Itatiaia, formado por intelectuais paulistas e cariocas, e sua saída do grupo, devido às posições divergentes que se puseram entre os intelectuais que deste participavam, pois, o grupo de São Paulo tinha preocupações de caráter mais filosófico e o do Rio de Janeiro era mais inclinado às Ciências Sociais. Lovatto apresenta o firme propósito de Jaguaribe de formar um órgão que reproduzisse um “movimento de idéias” no país, sob a liderança de uma burguesia nacionalista industrial.

Como parte da trajetória do cientista político, é citada a criação do IBESP (Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política), sob a direção de Hélio Jaguaribe, nos idos de 1953. Entretanto o Instituto era mantido com pequenas contribuições dos próprios membros, não atingindo o sonhado órgão estatal que vislumbra o cientista político carioca. Para ele, formar um grupo – com apoio estatal – que pudesse produzir textos e estudos sobre o Brasil se fazia imperioso e urgente. Com isso, uniram-se: Roland Corbisier (diretor), Álvaro Vieira Pinto (Departamento de Filosofia), Cândido Mendes, (Departamento de História), Ewaldo Correia Lima (Departamento de Economia), o próprio Hélio Jaguaribe (Departamento Ciência Política) e Alberto Guerreiro Ramos (Departamento de Sociologia). Também participava do Iseb, Nelson Werneck Sodré, militar de carreira, historiador e membro do Partido Comunista.

O Instituto Superior de Estudos Brasileiros foi criado em 1955, no período entre a morte de Vargas e a ascensão de Juscelino Kubtschek ao poder, não por acaso, haja vista que o pensamento de Hélio Jaguaribe compunha de certa forma um elo com a política de JK, no que concerne à política desenvolvimentista deste governo.

No segundo capítulo, a autora percorre o pensamento e a produção filosófica jaguaribeana, pois este é o viés pelo qual o intelectual continuará a discussão da formação do pensamento brasileiro e as condições para a superação efetiva do atraso cultural do país. São demonstradas suas fundamentações filosóficas que passavam principalmente por Ortega y Gasset e Manheim. O terceiro tem como foco a forma como Jaguaribe enxerga o processo histórico brasileiro em sua totalidade, e da década de 1950 em particular, com sua conclusão sobre a crise que o Brasil estava atravessando. É apresentada a defesa jaguaribeana de uma espécie de “terceira via” de desenvolvimento para o Brasil, batizado por ele com o peculiar nome de “socialização do capitalismo”, isto é, uma forma da cultura ocidental vencer, sem se render às posições da URSS no clima da Guerra Fria. O quarto capítulo faz a análise da proposta nacionalista de Hélio Jaguaribe, e o programa de ação que o autor propõe para a burguesia brasileira, com o objetivo de orientar aquela classe para que concretamente se posicionasse com relação aos destinos da industrialização e “modernização” do país. É apresentada a visão de Jaguaribe sobre o golpe de 1964, que ele qualificou inicialmente de colonial-fascista, mas depois comemorou os crescentes resultados econômicos. No último capítulo, Lovatto aponta a “singularidade do discurso jaguaribeano”, demonstrando que a proposta de um estado neobismarckiano revelava o sentido autoritário do nacionalismo do autor, que acreditava na superação do subdesenvolvimento brasileiro *através* do capital estrangeiro, opondo-se ao que havia de

mais caro ao movimento nacionalista da época – a defesa do monopólio estatal do petróleo e da Petrobrás. A ilusão essencial de seu discurso foi acreditar que a burguesia industrial brasileira ainda tinha uma missão civilizatória a desempenhar, mesmo depois dos resultados do “milagre econômico” promovido pela ditadura militar.

Por fim, é importante destacar que a pesquisa da autora foi feita sob o ponto de vista teórico-metodológico marxiano, de inspiração lukacsiana. Por meio do recurso da análise imanente do discurso de um autor, Lovatto “põe em pé” o ideário jaguaribeano, revelando o perfil conservador e o nacionalismo utópico de Hélio Jaguaribe. Além disso, o livro conta com um esclarecedor e instigante prefácio do professor Paulo Ribeiro da Cunha, pesquisador do período.

Assim, a cada página, o leitor atento acompanha o pensamento, a influência, a crítica, as idéias que Jaguaribe propõe para o país e consegue fazer uma viagem ao Brasil dos anos 1950-1960. O livro é extremamente importante para aqueles que querem conhecer o pensamento social brasileiro, e buscam compreender o processo histórico do capitalismo no Brasil.

#### **Referência:**

Lovatto, Angélica. **A utopia nacionalista de Hélio Jaguaribe: os tempos do ISEB**. São Paulo: Xamã/Arte Escrita Editora, 2010.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais – UNESP-Marília

<sup>2</sup> Angélica Lovatto é doutora em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. É professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da UNESP-Marília, atuando na área de Fundamentos da Ciência Política e Política Brasileira. Na UNESP-Marília é pesquisadora do CPMT - Grupo Cultura e Política do Mundo do Trabalho e também do NEOM - Grupo de Estudos de Ontologia Marxiana. É também pesquisadora do NEILS - Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP. Integra o Conselho Editorial da Revista Lutas Sociais, atualmente no número 27. É pesquisadora do Instituto Caio Prado Junior-SP, onde integra o Conselho Editorial da Revista Novos Temas. Integra o Conselho de Redação da Revista Novos Rumos (Instituto Astrojildo Pereira). Atua na área de Ciência Política e Pensamento Político-Social Brasileiro e Latino-Americano.